

SOBRE A TRADUÇÃO DE UM POEMA DE KARYOTÁKIS

Há cerca de quatro anos, venho-me dedicando com certa regularidade à versão de poesia grega moderna para a nossa língua. Como tantas das coisas importantes da vida, essa aventura tradutória¹ começou mais ou menos por acaso. Antes de viajar pela primeira vez à Grécia, sonho de juventude que só pude realizar na idade madura, achei prudente aprender alguma coisa da língua do país; vale dizer, as fórmulas de cortesia mais usuais e aquela meia dúzia de frases-feitas de maior utilidade que todo turista costuma levar na bagagem, junto com o passaporte e os cheques de viagem. Um amigo conseguiu-me em Nova York um curso de grego moderno gravado em fita e acompanhado de um manual de conversação, um léxico e uma gramática. Assim equipado, dediquei uma hora diária, durante três meses, ao lento e árduo aprendizado de uns rudimentos desse idioma em cujas sonoridades ainda ressoam ecos da *Odisséia* e da *Antologia Palatina*.

Quase excusava dizer que, uma vez em Atenas, iria eu verificar desiludido de quão pouca serventia eram aqueles rudimentos: não conseguia entender praticamente nada do que me respondiam cada vez que me atrevia a balbuciar algo em demótico. Mas a desilusão serviu, paradoxalmente, para espicaçar a pertinácia. Numa livraria perto da praça Síntagma, comprei uma edição bilíngüe dos *Poemas* de Kaváfis e um dicionário neogrego-ínglês. De volta ao Brasil, passei meses a decifrar palavra por palavra o texto kavafiano, a degustar-lhe as sutilezas de expressão, inimitável amálgama de um à-vontade coloquial e de uma erudição antiquária de que eu já tivera um vislumbre na tradução em prosa de Marguerite Yourcenar, lida e relida desde 1964. Da decifração às primeiras tentativas de tradução foi um passo. Acabei transpondo para o português, em

¹ Da qual já resultaram algumas publicações: "A Poesia Neogrega" (poemas de Aravandinou, Palamás, Mavílis, Kaváfis e Seféris traduzidos e precedidos de uma apresentação) in *O Estado de S. Paulo*, 26/10/80; "Uma Palavra Só na Ilíada" (Tradução de "O Rei de Asine" de Seféris e ensaio interpretativo) in *Revista de Cultura Vozes*, dezembro de 80; "Kaváfis, Mestre da Poesia Grega Moderna" (4 poemas de Kaváfis traduzidos e precedidos de uma nota) in "Folhetim", sup. da *Folha de S. Paulo*, 16/5/82; "Escrita Gama" (poema de Mando Aravandinou traduzido e precedido de um estudo crítico) in *Escrita* nº 32, 1982; "A Última Viagem de Odisseu" (ensaio sobre a *Odisséia* de Kazantzákis) in *O Estado de S. Paulo*, supl. "Cultura", 23/5/82; e "Poemas de Iánnis Kiourânis" (tradução e nota) in *Minas Gerais, Suplemento Literário*, 10/7/82.

dois anos de trabalho, 73 dos 154 poemas canônicos de Kaváfis², versão na qual procurei manter-me tão perto quanto possível do espírito como da letra do original, buscando-lhe equivalentes em português para as rimas ocasionais, para os ritmos sutis, para certos jogos de palavras e para certos paralelismos de expressão cuja inobservância constituiria um crime de lesa-poesia. E no afã de melhor entender a posição nuclear de Kaváfis no quadro da poesia grega moderna, fui levado a estudar um pouco a história desta e a procurar conhecer, ainda que pela rama, alguns dos principais antecessores e sucessores do “velho poeta de Alexandria”, de quem, no seu *Quarteto*, Lawrence Durrell me oferecera, havia tantos anos, uma imagem tanto mais esfumada quanto sedutora.

Graças a uma antologia geral e a uns poucos volumes de poetas individuais — vários dos quais me foram presenteados pelo poeta Yánnis Kiouránis, a quem devo parte dos meus ainda poucos conhecimentos da sua língua —, pude iniciar-me no estudo da poesia neo-helênica. Foi uma verdadeira descoberta: possibilitou-me comprovar *ad litteram* a afirmativa de C. A. Trypanis, de constituir ela “a mais longa tradição literária ininterrupta do mundo ocidental” e de que “melhor poesia se escreveu em grego no último século do que nos catorze séculos que o procederam; ademais, conforme os Prêmios Nobel concedidos a dois poetas gregos nos últimos anos [1963, Seféris, 1979, Elytis] reconhecem (. . .) a poesia grega atingiu de novo validade e alcance universais.”³

Como acontecera anteriormente com Kaváfis, a leitura desses outros autores incitou-me a traduzir-lhes os versos que mais de perto me falavam, e logo surgiu a idéia de uma antologia de poesia moderna da Grécia, que vou preparando aos poucos e espero poder um dia publicar. Entre as traduções feitas com vistas a ela, está a de um breve poema de Karyotákis ao qual de pronto me afeiçoei e cuja transposição para a nossa língua me proponho a comentar em seguida, por ilustrativa de alguns dos problemas com que tem de avir-se o tradutor de poesia, particularmente neogrega. Desde logo me apresso a esclarecer que não compartilho, obviamente, o preconceito generalizado acerca de intraduzibilidade da poesia. O endosso dessa tese por alguns poetas

² Publicada em volume pela Editora Nova Fronteira, do Rio, em outubro de 1982, precedida de uma notícia biográfica e de um ensaio crítico sobre Kaváfis e completada com notas de esclarecimento do texto.

³ C. A. Trypanis, *Greek Poetry; from Homer to Seféris*, Chicago/Londres, The University of Chicago Press/Faber and Faber, 1981.

ga a ensejo, como se sabe, a *boutades* famosas, como a de Heine, de que traduzir poesia era empalhar raios de sol, ou a de Frost, para quem poesia é aquilo que se perde na tradução⁴. Ainda recentemente, escrevia Auden, a propósito de uma versão inglesa de poemas de Kaváfis, que “a diferença entre prosa e poesia é a de que a prosa pode ser traduzida em outra língua, mas a poesia não”.⁵ Mas o mesmo Auden, após confessar que não conhece uma só palavra de grego moderno, declara ter sido não obstante muito influenciado, *qua* poeta, por Kaváfis, a quem só leu em tradução. . .

Este paradoxo me confirma numa opinião a que cheguei com base na minha própria experiência de empalhador de raios de sol. Verter um poema de grego, por exemplo, ou de qualquer outro idioma, é, teoricamente pelo menos, reescrevê-lo em português como o faria seu próprio autor, se tivesse domínio operativo de nossa língua, *mas sem, no entanto, deixar de ser grego*. Sublinho a última frase para destacar um ponto que reputo de capital importância. A idéia corrente de que boa é a tradução que dá ao leitor a mesma impressão de um texto originariamente escrito em sua língua pátria, constitui a maior das falácias. Pelo menos desde Humboldt, sabe-se que cada idioma consubstancia uma experiência diferencial do mundo; é um recorte da realidade diverso, na sua especificidade, dos demais recortes operados pelos outros idiomas.⁶ Isto não quer dizer sejam acessíveis apenas aos seus respectivos falantes tais visões de mundo diferentemente expressas por cada idioma em nível tanto léxico quanto morfológico e sintático. A tradução alcança trazê-las em parte até o entendimento de falantes de outro idioma por via de uma operação antes de caráter transpositivo que redutor. Tendo-se bem presente o que possa haver de diferencial na língua de partida em relação à língua de chegada, busca-se exprimi-lo através dos recursos próprios desta. Nessa operação transpositiva, visa-se portanto menos a uma impossível *isomorfia* — perfeita simetria no espírito e na letra — do que a uma possível *paramorfia* — a similitude de forma e de significado que as idiosincrasias dos dois idiomas franqueados pela ponte tradutória permita. E’ fácil entender seja precisamente na tradução de poesia, onde a mensagem se

⁴ Cit. por Paulo Rónai, *A Tradução Vivida*, Rio de Janeiro, Educom, 1976, pp. 6 e 79.

⁵ W. H. Auden, *Forewords & Afterwords*, Nova York, Vintage, 1974, p. 333.

⁶ V. Georges Mounin, *Os Problemas Teóricos da Tradução*, trad. Heloysa de Lima Dantas, S. Paulo, Cultrix, 1975, esp. cp. IV.

volta para si mesma a fim de destacar o “caráter palpável dos signos” (Jakobson)⁷, que avultam com exemplar nitidez os problemas de paramorfia, conforme se verá no caso da transposição do pequeno poema de Karyotákis. Antes de abordá-los, porém, convém dizer alguma coisa não só a respeito do seu autor como também do idioma em que o poema foi escrito.

A língua hoje falada na Grécia é o demótico, adjetivo que em grego significa “popular, plebeu, comum”. Representa ela o estado atual do grego antigo; este, diferentemente do latim, não se desdobrou numa série de línguas autônomas só remotamente parecidas com a língua-mãe, mas conservou “uma unidade para a qual não se encontra analogia na história de nenhuma outra língua indo-européia”, como lembra Kimon Friar.⁸ O ático em que se expressaram os clássicos da Antigüidade foi levado até a Ásia Menor, o Egito, a Síria, a Pérsia pelos exércitos conquistadores de Alexandre Magno e se converteu numa *koiné* ou língua comum, a qual se manteve durante o domínio romano da Grécia e de suas conquistas, passou para Bizâncio (onde era de uso cotidiano, ficando reservado ao ático a função restrita de língua da Igreja e do Estado) e foi zelosamente conservada pelas comunidades de fala grega da Ásia Menor e da Hélade continental ou insular, durante todo o domínio otomano, até emergir, com o surgimento da nação grega a partir da Guerra da Independência (1823), em língua nacional. Evidentemente, ao longo desse percurso histórico de tantos séculos, a *koiné* sofreu modificações, quando mais não fosse por certas tendências endógenas que desde cedo nela se manifestaram, a exemplo da redução dos ditongos, da simplificação da conjugação verbal e das declinações, do surgimento de um artigo indefinido, e, sobretudo, da acentuação das tendências da língua à expressão analítica, de que resultaria o desenvolvimento do uso das preposições. Além disso, por força do seu contacto com idiomas de outros povos, em especial dos que numa ou noutra época ocuparam o território da Grécia, o demótico se enriqueceu de numerosas palavras estrangeiras, do latim, do eslavônico, do albanês, do italiano, do turco, do francês, que conformou via de regra à sua estrutura. Contra essa evolução natural da língua se insurgiram os criadores e usuários do *katharevousa*, uma tentativa artificial e crudita

⁷ Roman Jakobson, *Linguística e Comunicação*, trad. Isidoro Blikstein e J. P. Paes, São Paulo Cultrix, 1969.

⁸ Kimon Friar, *Modern Greek Poetry*, Nova York, Simon & Schuster, 1973, p. 13.

de recuperar a “pureza” do ático clássico, adaptando-o em certa medida às necessidades modernas. O conflito entre o *katharevousa*, língua oficial do Estado, e o *demotikí*, a língua falada pelo povo, criou na Grécia moderna uma espécie de diglossia, ou melhor, de “esquizofrenia” lingüística (Friar)⁹, que chegou a provocar batalhas de rua entre “puristas” e “vulgaristas”. Mas o demótico acabou por prevalecer, tanto mais que foi nele que se expressaram os grandes escritores do século XIX e do século XX, desde Solomós, fundador da literatura neo-helênica, até Kazantzákis, Seféris ou Elýtis, sem esquecer o próprio Kaváfis, cuja poesia está vazada num demótico temperado de arcaísmos.

No dizer de um dos seus estudiosos estrangeiros, André Mirambel, “a impressão auditiva produzida pelo grego moderno, lido ou falado, é a de uma língua sonora e cantante, de prolação muito rápida e contínua, percebendo o ouvido mais modulações do que cortes”.¹⁰ A essa musicalidade no plano do significante corresponde, no plano do significado, o gosto da metáfora, da comparação — típico, de resto, da expressão popular, de que o demótico, mesmo quando utilizado literariamente, sempre se mantém próximo —, e o pendor mais pelo concreto do que pelo abstrato, concretude que se manifesta inclusive no grande desenvolvimento da composição, quer aglutinativa, quer sufixal, responsável, segundo Mirambel, pelo alto grau de “motivação” do léxico neogrego, entendendo-se por motivação a “relação de necessidade”¹¹ estabelecida entre significante e significado, entre a “forma” da palavra e o conceito por ela expresso. Tais características, logo se vê, fazem do demótico uma língua como que naturalmente “poética”.

Dito isto da língua em que foi escrito o poema motivador destes comentários, impõe-se agora dizer alguma coisa do seu autor. Tanto pela cronologia como pelo espírito de sua obra, Karyotákis é bem um representante da geração dos anos vinte na literatura grega; em verdade, seu mais talentoso e mais qualificado representante. Foi essa a geração que, tendo atravessado os anos de guerra, iria sofrer as conseqüências do após guerra, particularmente adversas para a

⁹ Idem, *ibidem*, p. 649.

¹⁰ André Mirambel, *La Langue Grecque Moderne; description et analyse*, Paris, Klincksieck, 1959, p. 19.

¹¹ Jean Dubois et alii, *Dicionário de Lingüística*, trad. Izidoro Blikstein (dir.) São Paulo, Cultrix, 1978, p. 422.

Grécia com o desastre de 1923 na Asia Menor, quando a população grega ali estabelecida havia milênios, cerca de 1 milhão de pessoas, teve de emigrar de volta à pátria-mãe após a derrota dos seus exércitos pelos de Kemal Atatürk. Longe de perfilhar os ideais de seus predecessores mais ou menos imediatos, fosse o patriotismo otimista de um Palamás, fosse o demoticismo socialista de um Kazantzákis, os coetâneos de Karyotákis se compraziam naquele desencanto e naquele anti-heroísmo que se espalhara pela Europa após 1918. Ansiosos por novidades, davam eles as costas às tradições nacionais para desenfastiar-se, cosmopolitamente, com “as fáceis conquistas da moda, as saias que ficavam mais curtas, o gramofone que introduzia em casa a atmosfera dos sucessos europeus, o *fox-trot* no salão de baile” (Vitti)¹². Em favor de Karyotákis, ressalte-se que o seu *taedium vitae* era algo mais profundo do que a mera adesão às “fáceis conquistas da moda”; deu-o a entender, quando não em seus poemas, numa confissão patética: “Sinto a realidade com dor física”.

Nascido em Trípoli, cidade do Peloponeso, no sul da Grécia continental, Kóstas Karyotákis (1896-1928) revelou-se desde cedo um temperamento introvertido, mórbido, propenso à melancolia e à solidão. Na infância, viajou com a família por muitas partes da Grécia. Fez seus estudos preparatórios em Creta e matriculou-se a seguir na Universidade de Atenas, por onde se formou em Direito em 1917, embora jamais chegasse a advogar. Preferiu a carreira de funcionário público, que conseguiu exercer em Atenas por alguns anos; nas férias, viajava à Itália, à Alemanha, à Rumânia e à França. Conhecedor de vários idiomas, traduziu poetas italianos, alemães e franceses; foi quem divulgou pela primeira vez na Grécia a poesia de Laforgue, de cuja ironia coloquial encontramos traços em seus versos. Transferido para Preveza a contragosto, por supostas necessidades de serviço, não aguentou por muito tempo a mesquinha vida provinciana, sobre a qual escreveu, aliás, um poema impiedoso, “Preveza”. Nessa mesma cidade se suicidou com um tiro, deixando uma carta em que confessava, a certa altura: “Estou pagando por todos aqueles que, como eu próprio, não podem jamais encontrar um ideal na vida, por aqueles que permanecerão para sempre as vítimas de suas hesitações, e que consideram sua existência um jogo sem sentido.”¹³

¹² Mario Vitti, *Storia della Letteratura Neogreca*, Torino, Ed. Rai, 1971, p. 334.

¹³ Friar, ob. cit., p. 44.

Ao morrer, deixou Karyotákis publicados três livros de poemas: *A Dor dos Homens e das Coisas* (1919), *Nepenthe* (1921) e *Elegias e Sátiras* (1927). Os dois primeiros foram distinguidos com prêmios literários, numa confirmação do reconhecimento de que seu autor foi alvo ainda em vida. Ao terceiro, que lhe consolidou em definitivo o prestígio de corifeu da sua geração, pertence a “Marcha Fúnebre e Vertical”, de que apresento abaixo a minha versão (A). Como não é factível transcrever aqui o texto grego¹⁴ – e receio serem muito poucos, entre nós, os conhecedores de demótico interessados em poesia –, dou uma tradução literal do poema (B), para que o leitor possa ajuizar por si mesmo se as “liberdades” tomadas pelo tradutor com vistas a transpor certas características formais do poema chegaram ou não a comprometer a fidelidade ao seu sentido.

(A)

Vejo, no teto, ornatos de gesso.
A dança de seus meandros me captura.
Minha felicidade há de ser, reconheço,
uma questão de altura.

Símbolos da vida em culminância,
rosas transsubstanciadas, absolutas,
os alvos espinhos a cingir, em volutas,
um corno da abundância.

(Arte de modéstia sem igual,
quão tardiamente lição aprendo!)
Sonho em relevo, a ti ora me rendo
em pose vertical.

Dos horizontes sufoca-me o assédio.
Em todo clima, em qualquer estação,
combates pelo sal e pelo pão,
amores, tédios.

¹⁴ Baseei-me, para a versão, no texto constante em *Neollinikí Poiitiki Anthologia Papyrou*, Atenas, Papiros Press, 1971 (Víper 100, Seirá Neoellinikís), Logotehnías), p. 234

Ah! quero ver se me enfeito
com essa bela e gípssea coroa.
Assim, com a moldura que o teto festoa,
ficarei perfeito.

(B)

No teto vejo os gessos.
Meandros na sua dança me atraem.
A minha felicidade, julgo, será
questão de altura.

Símbolos de vida superior,
rosas imutáveis, transsubstanciadas,
brancos espinhos a toda a volta de um
corno de abundância.

(Modesta arte sem pretensão,
quão tardiamente recebo a tua lição!)
Sonho em baixo relevo, chegarei perto de ti
verticalmente.

Os horizontes me terão impedido.
Em todos os climas, em todas as latitudes,
lutas pelo pão e pelo sal,
amores, tédios.

Ah! devo agora pôr
aquela bela gípssea coroa.
Assim, com moldura à volta do teto,
muito agradarei.

Mantive, na versão, o mesmo esquema estrófico do original: cinco quadras. Respeitei também o esquema rimático *abba*, a não ser na primeira quadra. Com referência às rimas desta, não logrei encontrar equivalência satisfatória para a

paronomásia entre *gýpsous* “gesso” e *ýpsous* “altura”, que rimam entre si nos finais dos versos 1 e 4: o contraste, desenvolvido ao longo do poema em diapação irônica, entre a vulgaridade *kitsch* dos ornatos de gesso e a ânsia de elevação espiritual por eles despertada no poeta, é como que paradoxalmente desmentido pela homofonia entre as duas palavras, uma conglobada na outra. Procurei compensar a perda dessa paronomásia essencial pela simetria fônica entre “captura” e “altura”; esta última palavra também se congloba naquela, a não ser pela diferença entre o “p” e o “l”, minimizada pelo fato de serem ambos fonemas consonantais aparentados, resultantes de bloqueamento da corrente de ar. Nessa mesma quadra inicial, não consegui preservar outra paronomásia entre *taváni* “teto” e *traváne* “atraem”, mas compensei-a em certa medida pela simetria repetitiva dos “e” e “o” nos dissílabos “vejo”, “teto” e “gesso”, logo no primeiro verso.

Todas as rimas do original são paroxítonas; na versão, há 8 rimas paroxítonas contra só 2 oxítonas, o que representa boa aproximação. Cuidei também de paralelizar em português as rimas ricas do grego, sobretudo as de palavras de diferentes categorias gramaticais, como adjetivo e substantivo (*ypertéras* “superior” e *kéras* “corno”) ou verbo e substantivo (*éhour pnícsi* “terão impedido” e *plícsi* “tédio”), com rimas do tipo “gesso/reconheço” ou “enfeito/perfeito”.

Quanto à métrica, sendo impraticável usar na versão metros iguais aos do original, tentei de novo a aproximação. O grego moderno não mais distingue vogais breves de longas, como o antigo; baseia a sua versificação, como nós, na alternância de sílabas tônicas e átonas, usando pois a métrica silábico-acental. Os 20 versos do original perfazem um total de 157 sílabas, se se desprezar na contagem a sílaba pós-tônica em fim de verso. Pelo mesmo sistema de contagem, a versão apresenta um total de 184 sílabas, vale dizer, apenas 17,2% a mais, se não errei nas contas. De qualquer modo, foi mantida na versão, ainda que sem maior rigor, a heterometria do original, em cujas quadras os versos 2 e 3 têm sistematicamente medida igual ou quase igual (no geral são decassílabos), sendo mais longos que os versos 1 (sempre octossílabo) e 4 (sempre tetrasílabo).

Passando agora aos aspectos lexicais e semânticos, note-se, em primeiro lugar, que quase todas as palavras do original podem ser encontradas num dicionário de grego antigo ou clássico. Figuram elas igualmente nos dicionários de

grego moderno, de par com os poucos demoticismos não encontráveis no outro, a exemplo de *taváni* “teto”, palavra de origem turca. Isto faz lembrar uma *boutade* citada por Mirambel, de ser o grego moderno uma espécie de registro civil onde só se anotassem os nascimentos e nunca as mortes; quer dizer, a adaptação de palavras de línguas alógenas não implica o abandono de eventuais sinônimos já existentes no léxico, vindos do grego antigo¹⁵. Confirma-se ainda, neste particular, a observação de Trypánis, de que a dicção de Karyotákis “é uma estranha mistura de elementos tomados tanto ao demótico quanto ao *katharevousa*, mas combinados com muito encanto”.¹⁶ Dessa quase diglossia, à qual é sensível o leitor grego mais culto, se vale o poeta para conseguir efeitos de índole finamente satírica, contrastando a pedanteria erudita do *katharevousa* com o coloquialismo amiúde chão do demótico. São efeitos evidentemente irreproduzíveis em nossa língua, mas tentei dar uma pálida idéia deles usando, no fim da terceira quadra, um galicismo ostensivo, “pose”, contra o qual se insurgiriam os puristas apegados aos clássicos portugueses e ao rigor gramatical, numa obstinação que faz lembrar a dos partidários do *katharevousa*. Aliás, a expressão “em pose vertical” traduz o advérbio *katakoryfos* que, sob a forma de adjetivo, já aparecia no título do poema, “Marcha Fúnebre e vertical”. Além da acepção de verticalidade, o termo tem a de auge, culminância, que procurei resgatar traduzindo o adjetivo *yperteros* “superior”, do início da segunda quadra, pela locução “em culminância”.

Digno de nota também é reaparecerem algumas palavras do original na versão como que refletidas num espelho deformante. E’ o que ocorre com *gýpsous* “gesso”, *meándroi* “meandros”, *sýmvola* “símbolo”, *orizóntes* “horizontes” e *klímata* “clima”, onde a semelhança etimológica salta à vista. No caso de *eftyhía* “felicidade”, no terceiro verso da primeira quadra, senti-me tentado a vertê-lo por “boa sorte”, a fim de manter a motivação do termo grego, onde o mesmo núcleo semântico, *týhi* “sorte, destino” é antiteticamente motivado por diferentes prefixos em *eftyhía* “felicidade” e *distyhía* “infelicidade”. Em “boa sorte”, ter-se-ia um equivalente bastante próximo, por contrapor-se a “má sorte”, cumprindo os adjetivos “bom/mau” o mesmo papel dos prefixos *eu-* (pronunciado *éf-*) e *dis-* em relação a igual núcleo semântico. Em portu-

¹⁵ Mirambel, ob. cit., p. 345.

¹⁶ Trypánis, ob. cit., p. 686.

guês, todavia, “boa sorte” não é sinônimo adequado de “felicidade” (pode-se ter boa sorte na vida sem estar-se necessariamente feliz), pelo que preferi sacrificar a fidelidade ao significante pela fidelidade ao significado, num lance típico daquele jogo de perde-ganha sempre travado entre espírito e letra no curso de qualquer tradução digna do nome.

Para pôr fim a comentários que já vão um pouco longos, gostaria de chamar a atenção para uma peculiaridade de ordem gramatical do grego moderno, qual seja haver substituído a flexão verbal do futuro, existente no grego antigo, por uma forma analítica: a anteposição da partícula *thà* ao presente (ou ao aoristo) do indicativo. No terceiro verso da primeira estrofe, em vez de traduzir *thà'nai* por “será”, como caberia, em vista de termos em português flexão específica para o futuro, preferi traduzi-la por “há de ser”, uma perífrase cujo verbo auxiliar lembra o *thà* grego, partícula a que se reduziu *thélo* “quero”, outrora usado na *koiné* como verbo auxiliar para formar perifrasticamente o futuro.

Haveria, por certo, outros parâmetros a considerar neste balanço de lucros e perdas na transposição de um texto-fonte. Sobretudo o seu parâmetro fundamental: o grau em que o tradutor terá ou não conseguido alcançar, na versão, a naturalidade ou fluência de dicção do original. Fluência a que dá um travo de sutileza a sustentada antítese entre vulgaridade e refinamento, entre resignação à horizontalidade e ânsia *post mortem* de verticalidade, por meio da qual se manifesta a *weltschmerz* do poeta, a policar, pela ironia, a expressão do seu desencanto ante a mesmice da vida cotidiana e da sua ânsia cética de poder jamais transcendê-la pela arte, última âncora de salvação. Daí a inveja meio *blasé* que nutre pela “arte de modéstia sem igual” do anônimo estucador para quem um céu *kitsch* povoado de cornucópias, coroas e florões é quanto basta para deixá-lo contente consigo mesmo e com a vida. Caberá ao leitor julgar agora se esse sentimento do mundo foi-lhe ou não comunicado pela versão que ora se lhe propõe. Quaisquer ulteriores considerações de ordem analítica, por parte do tradutor, seriam supérfluas: a regra básica da arte de empalhar raios solares é não abusar muito do formol.

